

Diálogos

Howard Zinn: “Devemos agir não por meio das eleições, mas através da organização social”

Howard Zinn
entrevistado por Ziga Vodovnik

Em 27 de janeiro de 2010, morria aos 87 anos o historiador estadunidense Howard Zinn. Militante incansável, durante sua vida participou ativamente de diversas lutas sociais, como o movimento pela igualdade dos direitos civis, nos anos 50, e no ativismo contra a Guerra do Vietnã, nos anos 60. Além disso, destacou-se como um intelectual engajado, dando inúmeras palestras e escrevendo diversas obras, como a peça de teatro *Emma*, sobre a vida de Emma Goldman, o livro *A People's History of the United States* (já vendeu mais de um milhão de cópias desde a primeira edição) no qual o autor aborda a história dos Estados Unidos a partir das classes populares. O único livro de Zinn publicado no Brasil é a sua autobiografia, *Você não pode ser neutro num trem em movimento*, editado pela L-Dopa em 2005.

Biblioteca Terra Livre

*
* *

Ziga Vodovnik: Desde 1980 estamos presenciando o processo da globalização econômica, que se fortalece dia após dia. A maioria da Esquerda se encontra agora num “dilema” – trabalhar para reforçar a soberania dos Estados nacionais

como uma barreira defensiva contra o controle do capital estrangeiro e global; ou lutar por uma alternativa de caráter não nacionalista à presente forma da globalização, que seja igualmente global. Qual sua opinião sobre isso?

Howard Zinn: Eu sou anarquista e, segundo os princípios anarquistas, os Estados nacionais se tornam obstáculos para uma globalização verdadeiramente humanista. Em certo sentido, a globalização em que capitalistas estão tentando passar por cima das barreiras nacionais cria um tipo de oportunidade para ignorar essas barreiras nacionais e unir os povos globalmente para além das fronteiras, em oposição à globalização do capital, para criar a globalização dos povos, oposta à noção tradicional de globalização. Em outras palavras, usar a “globalização” – não há nada de errado com a ideia de globalização – num sentido que ultrapasse as barreiras nacionais e, claro, em que as corporações não controlem as decisões econômicas que afetam as pessoas de todo o mundo.

ZV: Pierre-Joseph Proudhon uma vez disse que: “Liberdade é a mãe, não a filha da ordem.” Onde você vê vida após ou além do Estado?

HZ: Além do Estado? (risada) Eu acho que o que está além do Estado é

um mundo sem fronteiras nacionais, mas também com pessoas organizadas. Mas não organizadas como nações e sim pessoas organizadas como grupos, coletivos, sem “nacional” ou qualquer tipo de fronteira. Sem qualquer tipo de barreira, passaporte, visto. Nada disso! De coletivos com tamanhos diferentes, dependendo da função do coletivo, tendo contato entre si. Não é possível ter coletivos pequenos autossuficientes, porque estes coletivos possuem recursos diferentes entre si. Isso é algo que a teoria anarquista não trabalhou e talvez não seja possível pensar antecipadamente, pois é algo a ser resolvido com a prática.

ZV: Você acha ser possível mudanças através de partidos políticos institucionalizados, ou apenas por meios alternativos – com desobediência, construindo estruturas paralelas, estabelecimento de meios de comunicação alternativos etc?

HZ: Se você trabalhar com a estrutura que existe hoje você será corrompido. Ao trabalhar através do sistema político que envenena todo ambiente, mesmo nas organizações progressistas que também estão envenenadas, você pode ver isso agora mesmo nos EUA, onde as pessoas da “Esquerda” estão todas presas nas campanhas eleitorais e entram em discussões ferozes



de que nós devemos apoiar esse partido ou aquele candidato do “Terceiro Partido”.¹ Isso é apenas uma parte das evidências que nos sugerem que quando você passa a trabalhar através de políticas eleitorais você começa a corromper seus ideais. Então eu creio que a maneira de agir não é por meio de

1 “Third Party”, traduzido aqui por “Terceiro Partido”, é o termo utilizado nos EUA para todos os partidos ou candidatos independentes ou que não estão vinculados aos dois partidos majoritários, o Partido Democrata e o Partido Republicano. (N.T.)

governo representativo, não é por meio de votação, não é por meio de política eleitoral, mas através de movimentos de organização social, organização no ambiente de trabalho, organização na vizinhança, organização de coletivos que podem se tornar fortes o suficiente para eventualmente assumir o controle – primeiro se tornando forte o suficiente para resistir ao que é feito a eles pelas autoridades e segundo, depois, se tornar forte o suficiente para de fato assumir o controle das instituições.

ZV: Uma pergunta pessoal. Você vai às urnas? Você vota?

HZ: Sim. Às vezes, não sempre. Depende. Mas eu acredito ser preferível às vezes ter um candidato a outro, mesmo entendendo que essa não é a solução. Às vezes o “mal menor” não é tão menor, então você quer ignorar isso e ou não vota ou vota no “Terceiro Partido” como um protesto contra o sistema partidário. Às vezes a diferença entre os dois candidatos é uma questão importante no sentido imediato e aí eu acredito que colocar no cargo quem é um pouquinho melhor, quem é menos perigoso, é compreensível. Mas sem nunca esquecer que não importa quem assuma, a questão crucial não é “quem” está no gabinete, mas qual tipo de movimento social existe. Porque nós temos visto historicamente que se você tem um movimento social forte não importa o candidato. Seja quem for, Democrata ou Republicano, se você tem um movimento social forte, o candidato terá que ceder, terá que, em alguma medida, respeitar o poder do movimento social.

Nós vimos isso nos anos 1960. Richard Nixon não foi o mal menor, ele foi o mal maior, mas em sua administração a guerra finalmente chegou a seu fim, porque ele teve de lidar com o poder dos movimentos anti-guerra e também com o poder do movimento

dos vietnamitas. Eu voto, mas sempre com a cautela de que votar não é crucial e que organizar-se é o que importa. Quando alguém me pergunta sobre voto, eles dizem: você vai apoiar este ou aquele candidato? Eu digo: “Vou apoiar este candidato por um minuto, enquanto eu estiver na urna. No momento eu apoio A versus B, mas antes da urna e depois dela eu vou me concentrar em organizar-me com as pessoas e não em organizar campanhas eleitorais.”

ZV: Anarquismo é, nesse sentido, diretamente oposto à democracia representativa, já que esta ainda é uma forma de tirania – a tirania da maioria. Os anarquistas opõem-se à noção de voto majoritário, a visão da maioria nem sempre coincide com a mais moral. Thoreau escreveu uma vez que nós temos a obrigação de agir de acordo com nossa consciência, mesmo que isso vá contra a opinião da maioria ou as leis da sociedade. Você concorda com isso?

HZ: Com certeza. Rousseau uma vez disse, se eu sou parte de um grupo de 100 pessoas, as outras 99 tem o direito de me sentenciar a morte, só por que são maioria? Não, a maioria pode estar errada, a maioria pode anular os direitos da minoria. Se a maioria governasse nós ainda poderíamos ter escravidão: 80% da população já escravi-

zou os outros 20%. Enquanto se segue a regra da maioria está tudo bem. Essa é uma noção muito falha do que é democracia. Para considerá-la é preciso levar em conta várias coisas – as necessidades do povo, não apenas as necessidades da maioria, mas também as da minoria. E também levar em conta que a maioria, especialmente nas sociedades em que a mídia manipula a opinião pública, pode estar completamente errada e perversa. Então sim, as pessoas tem de agir segundo sua consciência e não pelo voto da maioria.

ZV: Onde você vê a origem histórica do anarquismo nos EUA?

HZ: Um dos problemas em lidar com anarquismo é que existem muitas pessoas cujas ideias são anarquistas, mas que não necessariamente se nomeiam como anarquistas. A palavra foi usada pela primeira vez por Proudhon no meio do século XIX, mas na realidade existiam ideias anarquistas que precediam Proudhon, na Europa e também nos EUA. Por exemplo, existem algumas ideias de Thomas Paine, que não era anarquista, que não se dizia anarquista, mas era suspeito aos olhos do governo. Também Henry David Thoreau. Ele não conhecia a palavra “anarquismo”, e não usava a palavra “anarquismo”, mas as ideias de Thoreau eram muito próximas do anar-

quismo. Ele é bastante hostil a todas as formas de governo. Se nós traçarmos as origens do anarquismo nos EUA, provavelmente Thoreau é a figura mais antiga que você chegará de um anarquista americano. Mas na verdade, não é possível encontrar anarquismo até depois da Guerra Civil, quando os anarquistas europeus, especialmente alemães, chegaram aos EUA. De fato eles que começaram a organizar-se. A primeira vez que o anarquismo teve uma força organizada e se tornou de conhecimento público nos EUA foi em Chicago no tempo do *Haymarket Affair*².

ZV: Onde você vê a maior inspiração do anarquismo contemporâneo nos EUA? Qual sua opinião sobre o Transcendentalismo – Henry D. Thore-

² “Haymarket Affair” é como ficou conhecido a acusação por parte da polícia de que anarquistas foram responsáveis pelo atentado que aconteceu numa manifestação trabalhista em 4 de maio de 1886, na praça Haymarket, em Chicago. A manifestação começou pacífica em apoio aos trabalhadores em greve por uma jornada de oito horas e em resposta à morte de diversos trabalhadores no dia anterior pela polícia. Uma dinamite foi lançada por alguém na polícia enquanto eles tentavam dispersar a multidão. Os oito organizadores da manifestação foram acusados pelo atentado; destes, quatro receberam pena de morte e foram executados, um cometeu suicídio e os outros três ficaram presos até 1893, quando o Estado reconheceu que todos os oito eram inocentes. Os eventos de Haymarket marcam as origens do 1º de Maio como dia do trabalhador. (N. T.)

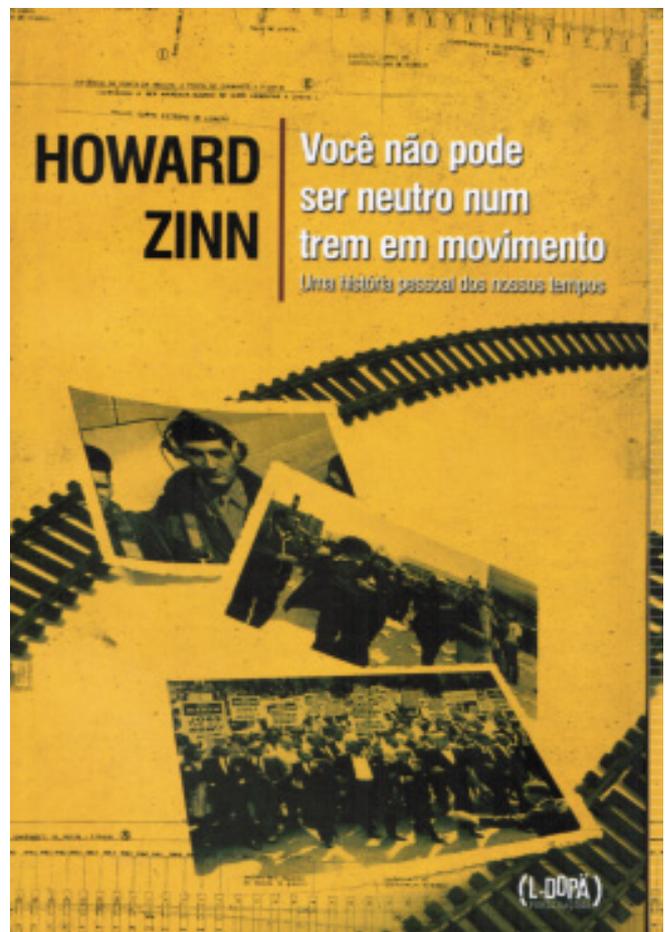
au, Ralph W. Emerson, Walt Whitman, Margaret Fuller, entre outros - como uma inspiração para essa perspectiva?

HZ: Bom, nós podemos dizer que o Transcendentalismo é uma forma primitiva do anarquismo. Eles também não se chamavam anarquistas, mas existiam ideias anarquistas em seus pensamentos e seus escritos. De muitas formas, Herman Melville mostrou algumas dessas ideias anarquistas. Eles todos desconfiavam do autoritarismo. Nós podemos dizer que o Transcendentalismo desempenhou um papel na criação de um clima de ceticismo em relação à autoridade, quanto ao governo. Infelizmente, hoje não existe um movimento anarquista realmente organizado nos EUA. Existem sim muitos grupos e coletivos importantes que se autodenominam anarquistas, mas são pequenos. Eu lembro que nos anos 1960 existia um coletivo anarquista aqui em Boston que consistia apenas em 15 pessoas, mas elas se separaram. Porém, nessa época a ideia de anarquismo se tornou mais importante em conexão com os movimentos que estavam acontecendo.

ZV: Hoje em dia a maioria da energia criativa de políticas radicais está vindo do anarquismo, mas poucas pessoas envolvidas no movimento se dizem “anarquistas”. Por que você acredita

que isso está ocorrendo? Os ativistas tem vergonha de se identificarem com essa tradição intelectual ou, pelo contrário, são muito fiéis à ideia de que a verdadeira emancipação deve estar livre de todas as etiquetas?

HZ: O termo anarquismo se relacionou com outros dois fenômenos que os reais anarquistas não querem ser associados. Um é a violência e o outro é a bagunça ou caos. O senso comum de anarquismo é um terrorista jogando bombas e, também, sem regras, sem regulamento, sem disciplina, todo mundo faz o que quer, confusão etc. É por isso que há uma relutância em se usar o termo anarquismo. Mas,



na realidade, as ideias anarquistas foram incorporadas pelo modo como começaram a pensar os movimentos dos anos 1960.

Acho que provavelmente a melhor manifestação disso foi no movimento dos direitos civis com o *Student Non-violent Coordinating Comitee* (SNCC)³. O SNCC sem saber do anarquismo como uma filosofia incorporou suas características. Eles eram descentralizados. Outras organizações de direitos civis, como *Southern Christian Leadership Conference*, foram organizações centralizadas com um líder – Martin Luther King. *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP), com sede em Nova Iorque, também tinha uma organização centralizada. A SNCC, pelo contrário, era totalmente descentralizada. Tinham o que eles chamavam secretários de campo, que trabalhavam nas cidades pequenas por todo o sul, com muita autonomia. Eles tinham um escritório em Atlanta, Georgia, mas esse escritório não era uma autoridade central forte. As pessoas que trabalharam no campo – Alabama, Georgia, Louisiana e Mississippi – trabalharam muito bem por conta própria. Eles trabalhavam conjuntamente com as pessoas locais, com

3 *Student Nonviolent Coordinating Committee* – Comitê de Coordenação dos Estudantes Não Violentos, foi uma das organizações mais importantes do movimento dos Direitos Civis nas década de 1950 e 1960 (N.T.).

pessoas das comunidades. E assim não havia um líder na SNCC, que também era muito investigada pelo governo.

Eles não podiam depender do governo para ajudá-los, apoiá-los, mesmo que o governo uma vez, no começo de 1960, tenha sido considerado progressista, liberal. Especialmente de John F. Kennedy. Mas eles olharam para Kennedy e viram como ele se comportava. Ele não apoiava o movimento sulista pela igualdade dos negros. Ele nomeava os juízes segregacionistas do sul, ele deixava que os segregacionistas do sul fizessem o que queriam. Então a SNCC era descentralizada, anti-governamental, sem líderes, mas eles não tinham uma visão do futuro como os anarquistas. Eles não estavam pensando a longo prazo, eles não estavam pedindo qual tipo de sociedade que deveríamos ter no futuro. Eles estavam concentrados no problema imediato da segregação racial. Mas sua atitude, a maneira como eles trabalhavam, como se organizavam, o processo, podemos dizer, eram linhas anarquistas.

ZV: Você acha que o uso/confusão da palavra anarquismo como algo pejorativo é consequência direta da ideia de que as pessoas podem ser livres e é muito assustadora para quem está no poder?

HZ: Sem dúvidas! Certamente as ideias anarquistas assustam quem está no poder. Eles conseguem tolerar ideias liberais, ideias que pedem reformas, mas não a ideia de que não haverá Estado, sem autoridade central. Então é muito importante para eles que se ridicularize a ideia de anarquismo, para criar essa impressão de que é algo caótico e violento. É útil para eles sim.

ZV: Na ciência política teórica podemos identificar analiticamente dois conceitos principais sobre anarquismo – o chamado anarquismo coletivista limitado à Europa e, do outro lado, o anarquismo individualista, limitado aos EUA. Você concorda com essa separação?

HZ: Para mim essa separação é artificial. Como geralmente acontece, os estudiosos podem fazer as coisas parecerem mais simples para eles mesmo, como criar categorias e encaixar movimentos em duas categorias, mas eu não acho que é possível fazer isso. Aqui nos EUA, claro que existem pessoas que acreditam no individualismo, mas também houve os anarquistas organizados de Chicago na década de 1880, ou SNCC. Eu acho que nos dois casos, Europa e Estados Unidos, encontramos as duas manifestações, exceto que talvez na Europa a ideia de anarco-sindicalismo se tornou mais forte do que

nos EUA. Embora nos Estados Unidos tenha o IWW⁴, que é uma organização anarco-sindicalista e, certamente, não está de acordo com o anarquismo individualista.

ZV: Qual sua opinião acerca do “dilema” de meios – revolução versus evolução cultural e social?

HZ: Acredito que aqui existam diversas questões diferentes. Uma delas é a violência e eu acho que é nisso que os anarquistas vêm discordando. Aqui nos Estados Unidos se encontra discordâncias e você pode encontrar essas discordâncias dentro de uma pessoa. Emma Goldman, você pode dizer que ela trouxe o anarquismo, depois de sua morte, para uma posição de destaque nos EUA em 1960, quando ela repentinamente se tornou uma figura importante. Mas Emma Goldman era a favor do assassinato de Henry Clay Frick, até que então ela decidiu que este não era o caminho. Seu amigo e companheiro, Alexander Berkman, não desistiu totalmente da ideia de violência. E do outro lado existem pessoas que foram anarquistas da maneira de Tolstói e Gandhi, que acreditavam na não-violência.

Há uma característica que é cen-

⁴ *Industrial Workers of the World* (IWW) foi uma organização sindical fundada originalmente nos EUA no início do século XX, espalhando-se para outros países, tendo como princípio o sindicalismo revolucionário. (N.T.)

tral no anarquismo nessa questão dos meios, que é a ação direta – de não seguir as formas que a sociedade te oferece, a representatividade governamental, o voto, a legislação, mas tomar o poder diretamente. No caso dos sindicatos, no caso do anarco-sindicalismo, isso significa trabalhadores indo para greves, e não apenas isso, mas, na verdade, também tomar conta das indústrias em que trabalham e gerenciá-las. O que é ação direta? No sul, quando os negros se organizaram contra a segregação racial, eles não esperaram um sinal do governo, ou foram até tribunais, abriram processos judiciais e nem esperaram o Congresso mudar a legislação. Recorreram à ação direta; foram nos restaurantes, sentaram lá e não se moveram. Foram nos ônibus e mudaram as situações que eles não queriam mais que existissem.

É claro, greve é sempre uma forma de ação direta. Com a greve, também, você não está pedindo ao governo que facilite as coisas pra você passando pela legislação, você está seguindo a ação direta contra o patrão. Eu diria que, em certa medida, a ideia de ação direta contra o mal que se quer superar é um denominador comum das ideias anarquistas, do movimento anarquista. Creio que um dos princípios mais importantes do anarquismo é que não é possível separar os meios dos fins. Assim, se a meta é uma sociedade iguali-

tária, você tem de trabalhar através de meios igualitários, se a meta é uma sociedade não-violenta sem guerra, não é possível usar a guerra para atingi-la. Penso que o anarquismo requer que os meios e os fins estejam conectados um com o outro. Penso que essa de fato é uma das características distintivas do anarquismo.

ZV: Em uma ocasião, Noam Chomsky foi questionado sobre sua visão da sociedade anarquista e sobre os detalhes de seus planos de como chegar lá. Ele respondeu: “Nós não podemos adivinhar os problemas que surgirão, apenas podemos pensá-los quando os experimentarmos”. Você também sente que muitos intelectuais de esquerda estão perdendo muita energia com disputas teóricas sobre o meio e o fim apropriados, antes mesmo de começar a “experimentação” na prática?

HZ: Eu acho que é justo apresentar ideias, como Michael Albert fez com o PARECON⁵, por exemplo, embora mantendo-se flexível. Nós não podemos criar um organograma para a sociedade futura agora, mas acho bom que pensemos nisso. É bom ter em mente o objetivo. É construtivo, ajuda, é saudável, pensar como o futuro da

5 Projeto de Economia Participativa. Para saber mais, acesse: <https://zcomm.org/category/topic/parecon/>. (N.T.)

sociedade pode ser, porque isso guia as ações que estamos fazendo hoje, mas apenas se a discussão sobre o futuro não se tornar um obstáculo para chegar a essa sociedade futura. Senão gasta-se tempo demais discutindo essa possibilidade utópica contra aquela possibilidade utópica e no meio tempo não atua-se de maneira que nos aproximemos dela.

ZV: Em seu livro *A People's History of the United States*, você nos mostra que nossa liberdade, nossos direitos etc., nunca nos foram cedidos pelos poucos ricos e influentes, mas que sempre foram conquistados com a luta de pessoas comuns – com a desobediência civil. Quais deveriam ser nossos primeiros passos, nesse sentido, para um outro mundo melhor?

HZ: Acho que nosso primeiro passo é nos organizarmos e protestarmos contra a ordem existente – contra a guerra, contra a exploração econômica e sexual, contra o racismo etc. Mas para nos organizarmos de maneira que os meios correspondam ao fim, temos que criar tipos de relações humanas que deverão existir na sociedade futu-

ra. O que significa nos organizarmos sem uma autoridade central, sem um líder carismático, de forma que represente em miniatura o ideal na sociedade igualitária futura. Então mesmo que não haja uma vitória amanhã ou no ano que vem, que no meio tempo seja criado um modelo. Se vivermos de acordo como a sociedade futura deverá ser, viveremos melhor, mesmo que o objetivo final não tenha sido atingido.

ZV: Qual a sua opinião sobre as diferentes tentativas de provar cientificamente o pressuposto ontológico de Bakunin de que os humanos tem o “instinto pela liberdade” não apenas em seu comportamento, mas também como uma necessidade biológica?

HZ: Na realidade eu acredito nessa ideia, mas não acho que seja possível existir uma evidência biológica disso. Teríamos que encontrar um gene da liberdade? Não. Penso que outro caminho possível é ir pelo comportamento humano ao longo da história. Ela mostra o desejo pela liberdade, mostra que sempre que as pessoas vivem sob a opressão de uma tirania, elas se rebelam contra ela.

Howard Zinn (1922-2010) foi militante anarquista e historiador. **Ziga Vodovnik** é professor de Ciência Política na Universidade de Ljubljana, Eslováquia. Entrevista originalmente publicada no blog da revista CounterPunch (counterpunch.org), em maio de 2008. Traduzido para o português por Biblioteca Terra Livre.



Ilustração de Vitor Ciosaki (Confira mais em: <http://on.fb.me/18XiDgQ>)